

BOURDIEU E A AUTO-ANÁLISE: PROBLEMATIZAÇÕES

BOURDIEU AND THE SELF-ANALYSIS: PROBLEMATIZATIONS

Ademir Soares Luciano Júnior

Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGE/UDESC)

E-mail: ademirluciano@hotmail.com

Laura Peretto Salerno

Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGE/UDESC)

E-mail: lauraps@pop.com.br

Rogério Machado Rosa

Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGE/UDESC)

E-mail: rogeriomachado6@yahoo.com.br

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Pierre Bourdieu inicia a discussão sobre auto-análise com uma epígrafe um tanto quanto comedida. Assim afirma: *isso não é uma auto-análise*. Tal afirmação parece expressar uma certa advertência que o autor faz a respeito das possíveis interpretações equivocadas que podem ser feitas sobre o texto, ou mesmo a que o próprio texto possa conduzir.

Uma questão pertinente se faz necessária para iniciarmos, qual seja: o que o autor busca com um texto intitulado *Esboço de auto-análise*? Parece-nos relevante apontar que fica evidente que Bourdieu toma sua trajetória como objeto de reflexão. Procura dar objetividade a seu percurso autoral atrelando-o à sua biografia. Busca dar inteligibilidade aos seus conceitos na medida em que se implica com as razões pessoais que o conduziram a tais reflexões, embora isso não esteja explicitamente demarcado em seu texto. Parece buscar aspectos de sua trajetória para torná-la objeto de sua reflexão, procurando com isso objetivar a si mesmo. Cabe questionar até que ponto é de fato possível alcançar a própria objetividade.

Nessa obra o autor destaca seu apreço pela pesquisa no campo da Sociologia. O livro, que foi escrito poucos meses antes da morte do autor, divide-se em três partes, além de uma breve introdução. A primeira delas, esboço de auto-análise, é totalmente dedicada à compreensão de como se deu seu processo de inserção no cenário intelectual da França do século XX, como aluno da Escola Normal Superior no curso de Filosofia. Ao adentrar a Universidade, Bourdieu percebe que em torno do curso de Filosofia havia uma hierarquia escolar com relação aos demais cursos, o que cunhava aos filósofos um sentimento de superioridade. Dentro do próprio curso havia as disciplinas e correntes conceituais mais valorizadas, o que já fazia anunciar os liames entre a excelência intelectual e o *habitus*¹ de classe. Tal sentimento de superioridade remetido aos filósofos não fazia jus ao fato de que o mundo social tendia a ser mantido à distância destes estudantes durante todo o curso de Filosofia.

Na segunda parte do livro o autor descreve duas de suas grandes pesquisas, uma realizada na Argélia e a outra em Béarn (sudoeste francês). Em 1955 Pierre Bourdieu foi para a Argélia lutar como soldado *pela libertação nacional*. A partir dessa experiência, passou a ter grandes interesses políticos e científicos por esse país. Tal interesse é emblemático no sentido de caracterizar sua passagem da Filosofia para a Etnologia², chegando finalmente à Sociologia.

A segunda pesquisa, em Béarn, representa uma espécie de acerto de contas com sua história de vida, especialmente com os primeiros tempos. Lesseberg, uma comunidade rural, representa sua origem e passado social. Bourdieu descreve de modo afetivo todo o processo de “desconstrução” que empreendeu para conseguir dar objetividade à sua pesquisa naquele lugar tão familiar. Parece-nos evidente que o autor desafiou-se metodológica e emocionalmente para dar conta de problematizar a realidade que o forjou. Seu esforço para manter certo distanciamento fica evidente quando afirma: “O retorno às origens faz-se acompanhar de um retorno, embora controlado, do que fora recalcado. De tudo isso, o texto não guarda mais nenhum resquício” (p. 90). Cabe perguntar: será que tal imparcialidade é possível? Parece que este é um ponto passível de críticas, pois quando

¹ O conceito de *habitus* desenvolvido pelo sociólogo francês [Pierre Bourdieu](#) relaciona-se à capacidade de uma determinada estrutura social ser incorporada pelos [agentes](#) sociais por meio de disposições para sentir, pensar e agir.

² Etnologia - ciência que estuda os fatos e documentos levantados pela etnografia.

Bourdieu desenvolve conceitos como *capital cultural*³, *hexis corporal*⁴, *habitus*, sem dúvida o faz tomando a si como referência. Assume, portanto, os riscos inerentes a essas implicações subjetivas.

No tocante ao relato de suas pesquisas em Ciências Sociais, Bourdieu descreve o modo sistemático como desenvolveu seus trabalhos. Com tal esforço deseja apresentar seu objetivo central nesta forma de pesquisar, ou seja, o desejo de conhecer cientificamente o mundo social.

Na terceira parte do livro, Bourdieu trata da apresentação dos elementos propriamente biográficos. Com informações peculiares e íntimas sobre sua formação, caracteriza os meandros constitutivos de seu “*habitus* primário”. De maneira objetiva e um tanto quanto irônica, narra o momento do seu acesso ao circuito intelectual/filosófico, suas experiências em família, seu ingresso no colégio interno – infância e adolescência. Destaca seu sotaque, seus trejeitos e modo de se vestir como algo muito difícil de ser assumido, isso porque em sua *hexis* havia a presença marcante de seu passado colonial. Nessas narrativas fica evidente um certo “tom” psicológico. Parece-nos prudente atentar para a proximidade que sua discussão sobre a violência simbólica possui com acontecimentos de sua trajetória de vida.

Bourdieu parece ter sido uma espécie de exceção às leis do capital cultural que ele mesmo estabeleceu nos seus textos iniciais. Este livro nos mostra que foi justamente isso, as contradições e tensões na formação de seu *habitus*, os principais fomentadores de seu modo particular de fazer pesquisa e interessar-se por certas temáticas e/ou objetos, contradição que acompanha toda sua trajetória acadêmica. Seu sistema teórico parece confirmar-se em sua narrativa autobiográfica, ou melhor dizendo, de auto-análise.

³ O conceito de capital cultural desenvolvido por Pierre Bourdieu diz respeito às formas de conhecimento cultural, competências ou disposições, um código internalizado, desigualmente distribuído e fiador dos ganhos de distinção.

⁴ O conceito de *hexis* desenvolvido por Bourdieu trata de uma dimensão que possibilita a internalização das consequências das práticas sociais e de sua exteriorização através do modo de falar, andar, gesticular, olhar dos agentes sociais.